PSTU
Opinião socialista

NO DIA 31, ATOS CONTRA A ALCA EM TODA A AMÉRICA LATINA

ALCA NÃO

PSTU CHAMA O VOTO EM LULA

MAS ALERTA:

NÃO HAVERÁ MUDANÇA SEM ROMPER COM A ALCA E O FMI!

UMA CAMPANHA VITORIOSA

ZÉ MARIA RECEBE 400 MIL VOTOS PARA PRESIDENTE

NESTA EDIÇÃO:

- O BALANÇO DA CAMPANHA
- O CRESCIMENTO DO PARTIDO
- A EXPERIÊNCIA DOS ESTADOS

CAROS LEITORES

Durante a campanha, a caixa-postal do partido viveu lotada. A seguir reproduzimos algumas poucas mensagens das muitas que chegaram para o PSTU e o Zé Maria:

PARABÉNS

Admiro muito a iniciativa de vocês pela forma de combate ao imperialismo americano e a volta do pacto colonial com a implantação da Alca do modo que ela é hoje . Fiquei muito feliz ao ver a candidata Dayse Oliveira falando sobre o racismo no horário eleitoral de quinta-feira, foi simplesmente excelente. (...)

Concordo com a frase dita pelo célebre Malcolm X e dita pela ilustre candidata dias atrás no programa eleitoral: Não existe capitalismo sem racismo. Em alguns dias mandarei para vocês uma redação que fiz na escola que é uma homenagem aos negros, gostaria muito que vocês a lêssem. (...)

Parabéns, José Maria, Dayse Oliveira e todos os integrantes do PSTU.

Vladimir Rodrigues, 17, São José do Rio Preto (SP)

CAROS AMIGOS DO PSTU,

Vocês foram me conquistando com a ideologia de vocês.(...) Quando vi o mapa da América sendo ilustrado com a bandeira dos EUA eu achei um absurdo, e vi também como os EUA são prepotentes, mas no Brasil eu garanto que eles nao vão conseguir nada pois o povo tem consciência.

Wagner Gregorio, Ribeirão Preto (SP)

VIVA ZÉ MARIA

Sou médico, moro em São Paulo e acabo de ver o programa de Zé Maria.

SOLIDIFICOU MEU VOTO!!!!!

Zé Maria, você expressou em pouco tempo tudo que nós árabes sempre quisemos falar mas a mídia sionista não permite. O assassino Sharon e Bush hão de pagar caro pelo massacre perpetrado contra o povo palestino. Continue assim!!!!

Hoje envio nomes de pessoas que já irão votar em você como conseqüência de sua campanha honesta. Semana que vem passarei a lista de mais e mais que irão disseminar seu nome pelo Brasil ainda mais.

Pode parecer pouco mas quero te desejar toda sorte do mundo. Também gostaria de me filiar.

Tálib Moysés Moussallem, São Paulo (SP)

MAMINGONI

PERSPECTIVAS

MAMINGONI.

– Armínio, precisamos pensar estratégias de longo prazo...
– Para dez ou vinte anos, presidente?
– Não, atualmente o longo prazo não vale mais nada. Vai só até 31 de dezembro...

HOMOFOBIA

SKINHEAD É CONDENADO A MAIS DE 19 ANOS POR ASSASSINATO DE GAY

O skinhead Henrique Velasco, 25 anos, foi condenado a 19 anos e seis meses de prisão por homicídio triplamente qualificado, tentativa de homicídio duplamente qualificada e formação de quadrilha pela morte do adestrador de cães Edson Neris da Silva e tentativa de assassinato de Dário Pereira Neto.

Edson Neris foi atacado no dia 6 de janeiro de 2000 na Praça da República, no Centro de São Paulo, por um grupo de skinheads, quando caminhava de mãos dadas com Dário, que conseguiu escapar. Edson foi assassinado a socos e pontapés.

Com a condenação de Henrique Velasco, sobe para seis o número de condenados pelo brutal assassinato. Dos 18 skinheads acusados, somente três foram absolvidos.

A condenação de Henrique Velasco e dos demais skinheads responsáveis por este crime brutal é uma importante vitória da luta pela livre orientação sexual. O PSTU se solidariza com a família e os amigos de Edson Neris e saúda o movimento gay e lésbico de todo o país por suas lutas contra o preconceito, a discriminação e a violência que vitima aqueles que ousam exercer livremente sua orientação sexual. Só a mobilização permitiu esta importante vitória do movimento e nos mostra o caminho para derrotar o preconceito.

SUMÁRIO

EXPEDIENTE

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CGC 73282.907/000-64 Atividade principal 61.81

CORRESPONDÊNCIA
Rua Loefgreen, 909 - Vila Clementino
São Paulo - SP- CEP 04040-030
e-mail: *opiniao@pstu.org.br* Fax: (11) 5575-6093

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Mariúcha Fontana (MTb14555)

CONSELHO EDITORIAL
Eduardo Almeida, Euclides de Agrela, Júnia Gouveia, José Maria de Almeida e Valério Arcary

EDIÇÃO
Fernando Silva

REDAÇÃO
Euclides de Agrela, Fernando Silva, Luiza Casteli, Mariúcha Fontana

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Gustavo Sixel

REVISÃO
Luiza Casteli

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO
Américo Gomes, José Martins e Lupus

IMPRESSÃO
GazetaSP - Fone: (11) 6954-6218

AQUI VOCÊ ENCONTRA O PSTU

- **SEDE NACIONAL**
R. Loefgreen, 909 - Vila Clementino - São Paulo - SP - (11)5575.6093 - *pstu@pstu.org.br* *www.pstu.org.br*
- **ALAGOINHAS (BA)**
R. Alex Alencar, 16 -Terezópolis - *alagoinhas@pstu.org.br*
- **ARACAJU (SE)**
Pça. Promotor Marques Guimarães, 66 A, cjto. Augusto Franco - Fonolândia *aracaju@pstu.org.br*
- **BAURU (SP)**
R. Presidente Kennedy, 8-63 - Centro - (14)232.7537- *bauru@pstu.org.br*
- **BELÉM (PA)**
R. Domingos Marreiras, 732 - Umarizal - (91)225.3177 - *belem@pstu.org.br*
- **BELO HORIZONTE (MG)**
Rua Tabaiares, 31 - Floresta (Estação Central do metrô) (31)3222.3716 - *bh@pstu.org.br*
- **BRASÍLIA (DF)**
EQS 414/415 - LT 1 - Bl. A - Loja 166 - (61)224-2216 - *brasilia@pstu.org.br*
- **CAMPINAS (SP)**
R. Dr. Quirino, 651 - (19)3235.2867- *campinas@pstu.org.br*
- **CAXIAS DO SUL (RS)**
(54)9974-4307
- **CONTAGEM (MG)**
Rua França, 532 Sala 202 - Eldorado
- **CURITIBA (PR)**
curitiba@pstu.org.br
- **DIADEMA (SP)**
R. dos Rubis, 359 - Centro (11)9891-5169 *diadema@pstu.org.br*
- **DUQUE DE CAXIAS (RJ)**
R. das Pedras, 66/01, Centro
- **FLORIANÓPOLIS (SC)**
Rua Nestor Passos, 104 Centro (48)225.6831 - *floripa@pstu.org.br*
- **FORTALEZA (CE)**
Av. da Universidade, 2333 (85)221.3972 - *fortaleza@pstu.org.br*
- **FRANCO DA ROCHA (SP)**
R. Benedito Fagundes Marques, 215 - Sala 2 -Centro
- **GOIÂNIA (GO)**
R. 242, Nº 638, Qda. 40, LT 11, Setor Leste Universitário - (62)202-4905
- **GUARULHOS (SP)**
R.Miguel Romano, 17 - Centro (11)64410253
- **JACAREÍ (SP)**
R. Luiz Simão,386 - Centro - (12)3952-9550
- **JOÃO PESSOA (PB)**
R. Almeida Barreto, 391 - 1° andar - Centro - (83)241-2368 - *joaopessoa@pstu.org.br*
- **JUIZ DE FORA (MG)**
Travessa Antônio Alves Souza, 16 - B. Santa Catarina (32)9966-1136/ 9979-8664
- **MACAPÁ (AP)**
Av. Antonio Coelho de Carvalho, 2002 - Santa Rita - (96)9963.1157 - *macapa@pstu.org.br*
- **MACEIÓ (AL)**
R. Inácio Calmon, 61 - Poço - (82)971.3749
- **MANAUS (AM)**
R. Emílio Moreira, 821- Altos Centro - (92)234.7093 - *manaus@pstu.org.br*
- **MUCURI (BA)**
R. Jovita Fontes, 430 - Centro (73)206.1482
- **NATAL (RN)**
R. Dr. Heitor Carrilho, 70 Cidade Alta - (84)201.1558
- **NITERÓI (RJ)**
R. Dr. Borman, 14/301 - Centro - (21)2717.2984 - *niteroi@pstu.org.br*
- **NOVA IGUAÇU (RJ)**
R. Cel. Carlos de Matos, 45
- **PASSO FUNDO (RS)**
XV Novembro, 1175 - Centro - (54)9982-0004
- **PELOTAS (RS)**
(53)9104-0804 - *pstupelotas@yahoo.com.br*
- **PORTO ALEGRE (RS)**
R. General Portinho, 243 (51)3286.3607 - *portoalegre@pstu.org.br*
- **RECIFE (PE)**
R. Leão Coroado, 20 - 1° andar - Boa Vista - (81)3222.2549 - *recife@pstu.org.br*
- **RIBEIRÃO PRETO (SP)**
R. Saldanha Marinho,87 - Centro - (16)637.7242 - *ribeiraopreto@pstu.org.br*
- **RIO GRANDE (RS)**
(53)9977.0097
- **RIO DE JANEIRO (RJ)**
rio@pstu.org.br
Praça da Bandeira
Tv. Dr. Araújo, 45 - (21)2293.9689
Zona Oeste
Estrada de Monteiro, 538 - Casa 02 - Campo Grande - RJ
- **SANTA MARIA (RS)**
(55)9989.0220 - *santamaria@pstu.org.br*
- **SALVADOR (BA)**
R.Coqueiro de Piedade, 80 - Barris - (71)328-6729 *salvador@pstu.org.br*
- **SANTO ANDRÉ (SP)**
R. Adolfo Bastos, 571 Vila Bastos - (11)4427-4374 *www.pstunoabc.hpg.com.br*
- **SÃO BERNARDO DO CAMPO**
R. Mal. Deodoro, 2261 - Centro (11)4339-7186 e 6832-1664 *pstusaopaulo@ig.com.br*
- **SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (SP)**
R. Mário Galvão, 189 (12)3941.2845-*sjc@pstu.org.br*
- **SÃO LEOPOLDO (RS)**
R. São Caetano, 53
- **SÃO LUÍS (MA)**
(98)276.5366 / 9965-5409 - *saoluis@pstu.org.br*
- **SÃO PAULO (SP)**
saopaulo@pstu.org.br
Centro
R. Nicolau de Souza Queiroz, 189 - (11)5572.5416
Zona Sul
Santo Amaro: R. Cel. Luis Barroso, 415 -(11)5524-5293
Campo Limpo: R. Dr. Abelardo C. Lobo, 301 - piso superior
Zona Leste
Av. São Miguel, 9697 Praça do Forró - São Miguel - (11)6297.1955
Zona Oeste
Av. Corifeu de Azevedo Marques, 3483 Butantã - (11)3735.8052
- **SUZANO (SP)**
Av. Mogi das Cruzes,91 - Centro (11) 4742-9553
- **TEREZINA (PI)**
R. Quintino Bocaiúva, 778/n.
- **UBERABA (MG)**
R. Tristão de Castro, 191 - (34)312.5629 *uberaba@pstu.org.br*
- **VITÓRIA (ES)**
Av. Governador Bley, 186 - Sala 611 - ed. Benji

PSTU chama o voto em Lula...

A classe trabalhadora e o povo pobre do nosso país querem mudança. Ninguém agüenta mais a continuidade da política de FHC e do FMI, que entrega o Brasil para o imperialismo e enriquece os banqueiros, às custas da fome e miséria do nosso povo.

Durante os últimos oito anos, o PSTU enfrentou intransigentemente o governo FHC e o FMI. Estivemos junto aos trabalhadores nas lutas contra as demissões, as privatizações, o desmantelamento dos serviços públicos e o pagamento da dívida externa. Não vacilamos em defender o reajuste dos salários, os direitos trabalhistas, a reforma agrária e os serviços públicos. Denunciamos, desde o primeiro turno, José Serra como o candidato preferencial do imperialismo norte-americano, dos grandes banqueiros, empresários e latifundiários.

Entendemos que a maioria dos trabalhadores, ao ver em Lula a possibilidade de derrotar eleitoralmente Serra, deposita nele suas esperanças de mudança da situação econômica e social do país. Porque os trabalhadores acreditam em Lula e, sobretudo, querem a derrota eleitoral de Serra, candidato de Fernando Henrique, o PSTU se soma à classe trabalhadora e chama o voto em Lula.

...MAS SEM RUPTURA COM A ALCA E O FMI NÃO HAVERÁ MUDANÇA

O PSTU chama o voto em Lula, mas continuaremos dizendo a verdade para você. A verdade é que o Brasil vive uma grave crise e que o FMI e os ricos estão jogando o peso desta crise nas costas dos trabalhadores. Nosso país está rumando para a situação da Argentina: como aconteceu lá na época da eleição de De La Rua, também no Brasil o FMI impôs à situação e à oposição um acordo para que, fosse quem fosse o novo presidente, se mantivessem os "contratos" e as metas impostas pelo Fundo.

O acordo com o FMI exige mais cortes nos gastos sociais, privatizações, recessão e desemprego, fim da aposentadoria, fim dos direitos trabalhistas e aceleração da Alca. Qualquer que seja o futuro governo, se não romper com a Alca e o FMI, será ainda pior do que o de FHC.

Mas Lula, infelizmente, resolveu se submeter ao novo acordo com o FMI e aceitar as negociações da Alca. Aliou-se com a burguesia e está defendendo um programa que não difere quase nada do de Serra. Por isso, nós do PSTU não acreditamos que um governo Lula vá melhorar a vida do povo.

Os trabalhadores, que acreditam que Lula governará em benefício da classe trabalhadora devem exigir dele que rompa com a Alca e o FMI, não pague a dívida externa e interna e invista este dinheiro em emprego, saúde, educação e moradia.

NENHUMA CONFIANÇA NO FUTURO GOVERNO: PREPARAR A MOBILIZAÇÃO POPULAR

Vamos ajudar a eleger Lula e a derrotar eleitoralmente Serra, mas fazemos um chamado aos trabalhadores para que não depositem confiança no futuro governo e prepararem a mobilização popular contra os ataques que o FMI quer nos impor e em defesa de suas necessidades e reivindicações.

Os trabalhadores não devem aceitar qualquer "pacto social" em que, mais uma vez, os trabalhadores entrem com o pescoço e os capitalistas, com a corda. Sempre que um governo propôs fazer "pacto social" no Brasil, alegando que todos deveriam fazer sacrifícios para salvar o país, só quem se sacrificou foi a classe trabalhadora, enquanto este mesmo governo seguia pagando juros aos banqueiros nacionais e estrangeiros e garantindo os lucros dos ricos ■

GILDO ROCHA

Dois anos de impunidade

O companheiro Gildo Rocha, militante do PSTU de Brasília e diretor do Sindicato dos Servidores do Distrito Federal (SINDSES) foi assassinado há dois anos, no dia 6 de outubro, enquanto realizava uma atividade deliberada pelo Comando de Greve de sua categoria.

Estava furando sacos de lixo durante a madrugada, para dificultar a ação dos fura-greve no dia seguinte, em uma paralisação dos garis no DF.

Ele, em companhia de outros companheiros da categoria, foi barrado por policiais civis de Roriz que, ao invés de cumprirem suas atribuições funcionais, dedicavam-se a quebrar o movimento da categoria.

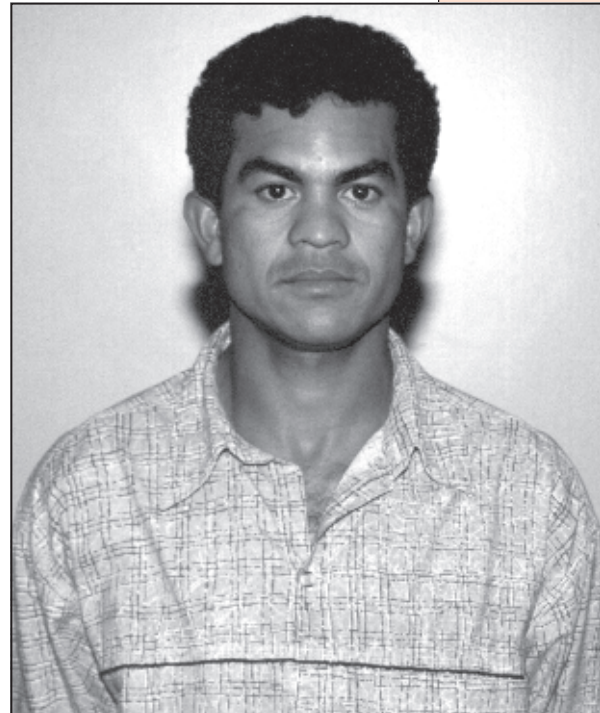
Renderam os ativistas que acompanhavam Gildo, perseguiram nosso companheiro, que fugiu, e o mataram com tiros pelas costas.

Depois que o assassinaram, bem ao estilo de policias corruptos que acreditam na impunidade, o caluniaram, forjaram o depoimento de uma testemunha, colocaram uma arma em seu carro e um cigarro de maconha, inventando a estória de que Gildo estava drogado e resistiu à prisão atirando nos policiais.

Os laudos demonstraram as mentiras deslavadas dos policiais, o exame de residuo gráfico deu negativo, mostrando que Gildo não atirou, o exame de saliva também, demonstrando que tampouco havia usado drogas.

Em virtude disso, o Inquérito Policial foi encerrado e os policiais acusados foram denunciados pelo Ministério Público por homicídio simples, de acordo com a Dra. Herilda Balduino de Souza, que acompanha o caso.

Em breve deverá ser marcado o julgamento. Nós estaremos acompanhando o mesmo para que, desta vez, seja feita justiça a um lutador social. Só a mobilização garantirá a punição dos assasinos ■

RETRATO guardado pelo sindicato onde militou por sete anos. Ao lado, o protesto no enterro de Gildo, com faixa contra o governador Roriz

ARQUIVO SINDSER

UMA VITÓRIA POLÍTICA E ELEITORAL

PSTU SAI FORTALECIDO DAS ELEIÇÕES E COM MAIS INFLUÊNCIA POLÍTICA

EUCLIDES DE AGRELA,
da Redação

Não se trata apenas de um resultado vitorioso em termos eleitorais, pois duplicamos os votos em Zé Maria para Presidência da República: foram mais de 400 mil votos – o que equivale a 0,5% do eleitorado - contra os 200 mil de 1998. No Estado de São Paulo, por exemplo, a votação de Zé Maria foi quadruplicada. Mais ainda, tivemos índices perto de 1% em várias cidades importantes: São Paulo, 0,7%; Rio de Janeiro, 0,9%; Florianópolis, 1%; São José dos Campos,1,3%.

O voto no PSTU foi um voto de protesto contra a fome, a miséria e o desemprego: heranças de oito anos de um governo que aplicou integralmente a cartilha dos planos neoliberais. Porém, o voto no PSTU foi mais do que isso.

Foi o voto num programa e numa política que tiveram a coragem de dizer a verdade aos trabalhadores. Mas nossa vitória se dá, acima de tudo, porque conseguimos fazer da campanha e das candidaturas, independente do número de votos, um ponto de apoio para a conscientização, organização e luta independente dos trabalhadores e do povo.

NO RIO E EM BRASÍLIA, O PARTIDO RECEBEU OS ENVIADOS DO FMI COM PROTESTOS

Uma campanha contra o imperialismo, para romper com a Alca e o FMI,

Fomos na prática o único partido da esquerda brasileira que fez do Plebiscito sobre a Alca uma prioridade. Os 10 milhões de votos contra a Alca são para nós tão ou mais importantes que os 400 mil votos recebidos por Zé Maria para a Presidência.

Na semana de 1 a 7 de setembro, estivemos presentes nos sindicatos, locais de trabalho, escolas, universidades, bairros e paróquias de todo o país junto com os companheiros do MST, do movimento popular e das pastorais sociais da Igreja organizando o Plebiscito. Todos os nossos programas de TV faziam referência à campanha contra a Alca. Em todos os atos contra a Alca, desde o Fórum Social Mundial até a entrega dos resultados, nos dias 17 e 18 de setembro, em Brasília, tremulavam nossas bandeiras.

que enfrentou o governo FHC e a democracia dos ricos,

Durante a campanha eleitoral, denunciamos o governo FHC e os planos neoliberais como os grandes responsáveis pela fome e a miséria do nosso povo: 12 milhões de desempregados, salários sem reajuste, aumento do custo de vida, cortes dos gastos com as áreas sociais, privatizações, ataques às conquistas trabalhistas... Tudo isso para beneficiar os grandes banqueiros e empresários.

Outra marca da campanha eleitoral do PSTU foi a denúncia da democracia dos ricos. Mostramos que este mesmo regime é controlado pelos partidos burgueses, com suas campanhas milionárias financiadas por banqueiros, empresários e latifundiários e existe de fato um processo eleitoral antidemocrático no qual, por exemplo, a imprensa e mídia privilegiam as candidaturas enquadradas no status quo, comprometidas com o FMI, a Alca e os contratos com o mercado financeiro. Essas eram tratadas pela mídia não somente como as "principais" mas, muitas vezes, como as únicas.

que se diferenciou radicalmente do PT e da candidatura de Lula

Enquanto a campanha eleitoral do PT e de Lula ignorava o Plebiscito e se retirava oficialmente da campanha contra a Alca, o PSTU esteve na linha de frente do Plebiscito.

Denunciamos a coligação com o PL de José Alencar, de Medeiros e da Igreja Universal, que enterrou de uma vez por todas qualquer vestígio de independência de classe no PT.

Ao contrário do PT e de Lula, que defenderam os "contratos" com o mercado financeiro, o novo acordo com o FMI e os pilares da "estabilidade" neoliberal fundada na miséria do nosso povo, dissemos que não é possível gerar milhões de empregos, aumentar os salários e garantir investimentos nas áreas sociais sem romper com a Alca e o FMI, deixar de pagar a dívida pública aos grandes banqueiros e atacar os lucros dos capitalistas.

e que combateu a opressão

Nestas eleições, o PSTU preocupou-se em levar sua política e programa para os setores mais explorados e oprimidos da classe trabalhadora. As mulheres, os negros e homossexuais encontraram na bandeira do PSTU a defesa dos seus direitos e reivindicações. Nossa vice-presidente, a companheira Dayse Oliveira – uma mulher negra – e a candidata ao Senado por Minas Gerais, Soraya Menezes – mulher, negra e lésbica – foram duas grandes figuras públicas da campanha do Partido.

ZÉ MARIA apoiou a campanha contra a Alca e fez parte da comissão que entregou os resultados do Plebiscito em Brasília

Mensagens de apoio

Ao lado, as mensagens de apoio de Arlette Laguiller, que recentemente foi a candidata do Lutte Ouvriére à Presidência da França, e de James Petras, renomado intelectual marxista norte-americano, autor de, entre outras obras, "Hegemonia dos Estados Unidos no novo milênio".

Queridos camaradas,

Nesta véspera das eleições, eu gostaria de dedicar os meus melhores votos de sucesso aos candidatos do PSTU, e em particular ao vosso candidato à presidência, Zé Maria. Nesse período de crise, num momento no qual os acontecimentos em curso na Argentina ameaçam também o Brasil e prometem outros desafios para a classe trabalhadora, a candidatura de um militante operário revolucionário permite que a voz e as reivindicações dos trabalhadores brasileiros sejam escutadas.

É por isso que eu, assim como meus companheiros de Lutte Ovrière, desejo os melhores resultados a vossas candidaturas. Desejando que esta campanha e os votos ajudem na construção do partido operário revolucionário, do partido comunista que a classe operária necessita.

Todo o sucesso na campanha de Zé Maria!

Arlette Laguiller

Se alguém está contra a Alca, o FMI e a favor da reforma agrária deve votar por Zé Maria, recordando que é melhor votar por um candidato que nós queiramos e que ele não seja eleito, do que ganhar com um candidato que não queiramos.

Vamos adiante com o caminho da luta contra a Alca.

Um abraço,

James Petras

Como foi a campanha nos Estados

Além de Zé Maria, vários militantes do Partido se destacaram como candidatos nestas eleições. Foram dezenas de companheiros que assumiram a tarefa de candidatar-se a governador, senador e deputados federal e estadual. Nos orgulhamos de construir importantes figuras do Partido que continuarão colocando-se na vanguarda das lutas e reivindicações dos trabalhadores e do povo como autênticos tribunos da nossa classe.

"Em Minas uma ampla unidade da burguesia garantiu a vitória de Aécio Neves (PSDB) no primeiro turno. O PT foi o principal depositário do voto de oposição sem, no entanto, ameaçar a vitória tucana. Ainda assim, o PSTU se fortaleceu. O Plebiscito da Alca nos possibilitou levar a campanha para amplos setores: escolas de Belo Horizonte, bairros operários de Contagem e inúmeras cidades do interior. Um número significativo de eleitores rejeitou a indicação do PT e PCdoB de voto em Hélio Costa (PMDB) como segunda opção para o Senado. Com isso, as candidaturas do PSTU, Amós e Soraya Menezes, obtiveram 35 mil e 157 mil votos, respectivamente, com destaque para a candidatura de Soraya: uma mulher negra e lésbica".

Sebastião Carlos, o CACAU, candidato a governador - MG

"Ficamos conhecidos como a candidatura contra a Alca, a imprensa só se dirigia a nós desse modo. Na mobilização estadual contra a Alca, que contou com mais de 3 mil pessoas, fui o único candidato presente. Nossa maior vitória foi a grande aceitação da candidatura no setor operário. Tivemos comitês de apoio que se transformaram depois em núcleos do Partido em dois bairros operários e numa cidade próxima a Fortaleza. Chegamos inclusive a realizar uma passeata de operários da construção civil em apoio às nossas candidaturas e contra a Alca. Nosso candidato ao Senado, Aguiar Ribeiro, também teve importante aceitação, inclusive de militantes petistas. Ao fazer uma campanha politicamente acertada, podemos agora nos encher de orgulho ao ver novos operários levantando a bandeira do PSTU".

Raimundo Pereira de Castro, o RAIMUNDÃO, candidato a governador - CE

"O aspecto mais importante foi a identificação da campanha eleitoral do PSTU com o Plebiscito sobre a Alca. No momento em que todos os grandes partidos, inclusive o PT, tentavam convencer, como também fazem agora no 2º turno, os trabalhadores de que sua vida vai mudar através das eleições, o PSTU esteve junto com os movimentos sociais, garantindo os mais de 700 mil votos no Estado contra a Alca. Zé Maria teve mais de 50 mil votos, quase 1%, e eu fui o quinto candidato a governador mais votado dentre os nove, ficando atrás somente dos quatro principais candidatos. O partido praticamente duplicou o número de militantes e abriu novas sedes em cidades do interior do Estado".

CYRO GARCIA, candidato a governador - RJ

"Tivemos uma grande vitória. Zé Maria obteve quatro vezes mais votos no Estado de São Paulo nestas eleições se compararmos com as eleições de 1998. Isto se deve ao fato do PSTU colocar sua campanha eleitoral a serviço das lutas dos movimentos sociais, como ficou demonstrado na campanha contra a Alca. Inclusive muitos companheiros nos declaravam que, mesmo não votando no Partido, concordavam com tudo aquilo que defendíamos, inclusive com as críticas ao PT. Outro aspecto importante é o crescimento do PSTU. Quando começou o processo eleitoral o Partido tinha militantes organizados em 25 cidades do Estado. Hoje estamos em mais de 50 cidades não somente com filiados, mas com núcleos de militantes que se dispõem a organizar o Partido".

Dirceu Travesso, o DIDI, candidato a governador - SP

Mil novos militantes

EM TODO O PAÍS, MIL COMPANHEIROS ENTRARAM NO PSTU. EM CIDADES IMPORTANTES O NÚMERO DE MILITANTES DOBROU. ALGUNS DESTES COMPANHEIROS NOS CONTAM PORQUE VIERAM AO PSTU

"Entrei para o PSTU durante o pleito eleitoral 2002. Nestas eleições se presenciou a queda da máscara petista, a sua aliança com os patrões. Em Criciúma, por exemplo, os patrões estão dentro do PT e são preferidos em detrimento dos operários (é algo repugnante). Como dizia Cazuza, observamos nossos sonhos serem vendidos tão baratos que não acreditamos. Hoje em Criciúma somos 15 militantes que estamos organizando o Partido e iniciando algumas conversas com alas socialistas descontentes de outros partidos".

FÁBIO ZAMPOLI
EX-FILIADO AO PCB, CRICIÚMA (SC)

"Entrei no PV por considerar fundamentais questões como a ecologia, a defesa das minorias, uma nova política de drogas, o internacionalismo... Logo pude constatar que esse tipo de discussão foi abandonada, dando lugar a um projeto que visa unicamente obter ganhos materiais e cargos em todas as administrações possíveis. Decidi sair do PV. Só me restou um caminho coerente: o PSTU. Esse partido é a última alternativa viável na esquerda socialista agora que o PT resolveu fazer as alianças mais espúrias para chegar ao poder".

FABRÍCIO PEREIRA
EX-DIRIGENTE DO PV, RIO DE JANEIRO

"Fui militante da Articulação de Esquerda do PT. Rompi depois de uma análise de um longo processo de distanciamento da classe trabalhadora por parte do PT. Resolvi, aliás, resolvemos (um coletivo de quatro companheiros) ingressar no PSTU. E por quê o PSTU? Para construir um partido capaz de reafirmar que somente a classe trabalhadora pode fazer algo por ela mesma".

ALESSANDRA FAHL
EX-MILITANTE DO PT, SÃO PAULO

"Num momento onde as "esquerdas" (PT e PC do B) capitularam aos interesses da burguesia e à conciliação de classes, inclusive defendendo um programa pró-imperialista, é mais do que necessário que a juventude, os trabalhadores do campo e da cidade se organizem num partido que esteja disposto a mobilizar as massas contra o imperialismo e na defesa dos direitos dos trabalhadores e da juventude. Acredito na revolução e luto por ela quotidianamente, por isso vim para o PSTU".

ROSA BIANCA, DIRETORA DO DCE UFBA E EX-MILITANTE DO PCDOB, SALVADOR

O POVO VOTOU CONTRA O GOVERNO

MARIUCHA FONTANA,
da Redação

O resultado do primeiro turno antes que nada significou uma derrota do governo. As urnas revelam que o povo em sua ampla maioria, mais de 70%, está na oposição e quer mudança.

Há um enorme descontentamento entre os de baixo.

As eleições são um terreno da burguesia, nas quais o poder econômico e a mídia têm peso preponderante. Os trabalhadores participam das eleições burguesas de forma diluída e individual – cada homem um voto – e não como coletivo, como classe e com seus métodos de luta. Por isso mesmo, as eleições sempre refletem de modo muito distorcido o que realmente ocorre na realidade.

O esgotamento do modelo de dominação burguesa – levado adiante nestes oito anos de FHC-FMI - levou à rachadura entre os de cima, expressa na divisão da base governista e de seus respectivos partidos e a uma guinada para a oposição não apenas da classe trabalhadora, mas também da pequena burguesia. Para Presidente do Brasil, 76% votaram contra o candidato do governo.

Nas urnas, esse descontentamento se expressou numa votação massiva na oposição, da qual o PT foi o partido mais beneficiado, elegendo a maior bancada de deputados na Câmara, indo para 14 Senadores, elegendo dois governadores em primeiro turno e levando candidatos ao segundo turno em mais 8 estados.

PARA PRESIDENTE, 76% VOTARAM CONTRA O CANDIDATO DO GOVERNO

Esse resultado de modo global expressa que há por baixo uma verdadeira panela de pressão abrindo fervura.

O PT ainda canalizou para o terreno eleitoral – e portanto do regime democrático burguês, da ordem – este descontentamento e desejo de mudança. Mas, a real correlação de forças entre as classes no Brasil ainda não se expressou de modo genuíno e em todo seu vigor. O que só ocorrerá com a entrada em cena do proletariado , com seus métodos de luta. O resultado eleitoral prenuncia que este momento não tarda a chegar.

O Brasil está se aproximando, do ponto de vista da luta de classes, da situação que sacode os demais países latinoamericanos■

A VOTAÇÃO PARA PRESIDENTE

Candidato	Votos	%
LULA (PT)	39.291	(46,4%)
SERRA (PSDB)	19.700.549	(23,2%)
GAROTINHO (PSB)	15.175.822	(17,9%)
CIRO (PPS)	10.167.671	(12%)
ZÉ MARIA (PSTU)	402.040	(0,5%)
RUI COSTA PIMENTA (PCO)	38.608	(0,05%)

BRANCOS	2.873.210
NULOS	6.975.141

Democracia burguesa já não empolga como antes

Se nos votos houve uma enxurrada oposicionista e uma vitória eleitoral inequívoca do PT, na outra ponta – nas ruas – essa eleição foi uma das mais mornas dos últimos 20 anos.

No quesito empolgação a eleição de 2002 não tem nada que ver com a de 1989. O "Lulinha paz e amor", os programas "emocionais" de Duda Mendonça, as alianças e o acordo com o FMI não apaixonam.

No sudeste e sul – ao menos – a inércia das ruas foi igual ou ainda maior do que a das eleições municipais de 2000, o que demonstra um desgaste da democracia burguesa. Traço esse, aliás, que é cada dia mais presente e mais profundo em toda a América Latina. Afinal, as pessoas votam e votam e a vida não melhora.

Nem mesmo a possibilidade alardeada pela mídia e pelas pesquisas de opinião de vitória de Lula em primeiro turno, foi capaz de levar as massas às ruas e nem mesmo de entusiasmar e mobilizar como antes uma ampla vanguarda para a boca de urna e para o corpo-a-corpo.

Em outros tempos, uma enorme vanguarda e uma parcela grande das massas, apaixonadas, polarizavam as ruas, vestiam-se de PT, faziam muito barulho. Hoje, as pesssoas que querem derrotar o governo têm expectativas no PT, mas estas diminuiram muito em relação ao que já foram. Nas cidades onde governa o PT – como na maioria da grande São Paulo – as pessoas fizeram uma certa experiência e não viram nenhuma mudança substancial na sua vida. Entre Marta Suplicy, Palocci e Alckmin (PSDB), por exemplo, é difícil enxergar qualquer diferença ■

Plebiscito foi a novidade

Contrastando com a despolitização das eleições, imposta pelas grandes candidaturas, seus programas parecidos, suas alianças e seus marqueteiros, o Plebiscito sobre a Alca surpreendeu.

Passando objetivamente por fora de todo o processo eleitoral, enfrentando o boicote de todo o establishment – desde a mídia, a máquina do Estado e, inclusive, os maiores partidos de oposição adaptados à ordem – como o PT (cuja direção e Lula desautorizaram o Plebiscito), o Plebiscito empolgou e se transformou na maior mobilização popular dos últimos anos.

Não houve cabos eleitorais pagos, houve mobilização voluntária e consciente de uma ampla vanguarda e uma adesão surpreendente.

Durante todos esses anos o PT foi um obstáculo, um freio consciente às lutas e à ação direta dos trabalhadores e da juventude. Um fator tremendo de contenção do descontentamento crescente que existe por baixo e buscou de forma permanente canalizá-lo para os trilhos da ordem eleitoral burguesa, convertendo-se num sustentáculo da ordem.

O curso à esquerda que faz o movimento de massas, que no terreno eleitoral distorcidamente desagua na estação da Frente Popular (a da colaboração de classes, mais à esquerda dentro da ordem) e fortalece conjunturalmente o reformismo, é a mesma que vai fazendo experiência com a democracia burguesa e tende a afastar-se dos trilhos do regime, para seguir o leito natural das lutas.

O Plebiscito sobre a Alca expressou no presente essa tendência latente que, de uma forma ou de outra, explodirá num futuro próximo. A Frente Popular – no governo – vai agir ainda mais abertamente e preventivamente para a desmobilização do movimento operário e popular. O curso objetivo, entretanto, vai no sentido das lutas e do enfrentamento com a ordem burguesa e com a própria Frente Popular no médio prazo. A falta de empolgação com as eleições é apenas um sintoma, também distorcido e amenizado, do desgaste da democracia burguesa e das eleições■

Crise: o Brasil no caminho da Argentina

Os analistas da burguesia têm alardeado que o Brasil vive uma "plenitude democrática", onde haveria uma consolidação e amadurecimento da democracia burguesa. Segundo estes analistas, o país institucionalmente poderia ser comparado às "democracias desenvolvidas" (leia-se imperialistas), onde predominaria a estabilidade e a "ordem democratico burguesa".

Ademais, quem caísse desavisado no Brasil de 2002 e só visse a propaganda eleitoral na TV dos candidatos mais bem posicionados nas pesquisas, pensaria estar às portas do paraíso.

Essa análise interessada, enviezada, superficial e falsa, entretanto, não resiste a um mínimo de observação objetiva sobre a real situação do país.

> **O BRASIL SE TRANSFORMARÁ NUMA COLÔNIA SE A ALCA NÃO FOR DERROTADA**

RECOLONIZAÇÃO E CRISE

O Brasil vem sendo recolonizado e se transformará num verdadeira colônia se a Alca não for derrotada. O país está praticamente quebrado. Às custas do desemprego, da superexploração da classe trabalhadora e do roubo de patrimônio público e recursos naturais, as metrópoles imperialistas – suas multinacionais e bancos – estão carreando para fora todos os recursos do país.

As contas não fecham. O governo – com a anuência de 4 candidatos – pegou mais US$ 30 bilhões com o FMI para pagar banqueiros, em troca amarrou o país a um acordo que impõe a continuidade da política econômica atual para os três próximos anos.

Longe de evitar a trajetória de quebra, o novo acordo com o Fundo aprofunda a dependência do país. A rigor, o empréstimo do FMI não evitou nem mesmo o ataque especulativo no curto prazo. Bilhões estão sendo enviados para fora neste mês eleitoral.

A crise do capitalismo é tremenda. O coração do império está em crise e para contrarrestá–la precisa bombear ainda mais recursos da periferia para o centro.

O Brasil está no rumo da Argentina: caminha para uma grave crise, seja quem seja o futuro governo. E o remédio do FMI e de toda a burguesia é tentar evitar ou diminuir a queima de capitais, associando-se ainda mais ao capital estrangeiro (aceitando a Alca no atacado), aumentando as demissões, a superexploração, a recessão e promovendo um mega corte nos gastos do estado com investimento e serviços públicos, para seguir irrigando a lucratividade dos bancos e do sistema.

O crédito externo está secando, o rombo da dívida pública e o déficit externo são enormes e impagáveis. E mais uma vez, vão querer jogar a crise nas costas do povo, esfolar o país e levá-lo de joelhos para a Alca.

Produto da crise, qualquer que seja o futuro governo, atrelado ao FMI – ao não se propor uma ruptura com o modelo e com o imperialismo – será ainda pior do que o de FHC.

DEMOCRACIA COLONIAL

A tão propalada "democracia" foi manietada na origem. Os candidatos mas votados, antes de se comprometerem com as necessidades e desejos das massas, se comprometeram com o FMI.

O povo quer mudança, o FMI não. Ele aceita qualquer resultado das urnas, desde que qualquer que seja o candidato eleito, aceite cumprir suas metas.

E, como fez na Argentina, exige que a oposição se comprometa a grosso modo com a continuidade.

Esse filme, que vimos na Argentina, está estreando no Brasil. O orçamento de 2003 terá mais cortes do que o de 2002.

As promessas de crescimento econômico e de milhões de empregos marteladas na TV não rimam com o acordo feito com o FMI. Sem romper com a Alca e o FMI, tais promessas vão se revelar como o que realmente são: propaganda enganosa.

LULA X SERRA NA SEGUNDA VOLTA

O desejo de mudança é tão forte, que até o candidato do governo, e da continuidade portanto, tenta posar de oposição.

> **O FMI ACEITA QUALQUER RESULTADO DESDE QUE O PRESIDENTE ELEITO CUMPRA SUAS METAS**

Preferido da maioria da burguesia e do imperialismo, Serra, entretanto, não consegue se alavancar.

O tucano tem dito que o segundo turno é outra eleição, dando a entender que tudo recomeçaria do zero e que ele teria boas chances de virar o jogo neste segundo tempo.

Mas isso é uma tarefa quase impossível e muito improvável. Primeiro porque mais de 70% do povo está na oposição e, segundo, porque a classe dominante segue dividida.

Uma parcela considerável dos de cima desembarcou na candidatura Lula – com a anuência de um setor do imperialismo.

A contradição é que estas alianças de Lula que vão do PL a Delfim Neto, de Sarney a Quércia, de incursões na Febraban a apoio do presidente da Fiemg, de elogios do chefe do Banco Mundial à benevolência do dono do Itaú, têm como contrapartida a aceitação do acordo com o FMI, das negociações da Alca e compromissos categóricos com o império e o capital. A primeira medida a que já se comprometeu Lula é com a autonomia do Banco Central.

As propostas de Serra e Lula são parecidas. "Contra a crise" acenam com "reformas estruturais": tributária; da previdência, da legislação trabalhista e política.

A diferença entre um e outro, é que Lula veio da classe trabalhadora e esta deposita nele enormes expectativas de mudança. Lula, entretanto, para ter o apoio do capital, tem prometido à classe dominante usar de sua confiança entre os de baixo para convencê-los a aceitar um "pacto social" e as "reformas" e "medidas" necessárias. Na linguagem do FMI, o nome de tais medidas é "ajuste doloroso".

A classe trabalhadora vê Lula como um representante seu e como uma possibilidade de derrotar os de cima. Lula, entretanto, aliou-se com pesos pesados da classe dominante e se submeteu ao acordo com o FMI.

Com tais alianças e programa, não mudará a vida do povo ■

No 2º turno: votar Lula, mas não depositar confiança no futuro governo

O PSTU chamará o voto em Lula no segundo turno e ajudará a classe trabalhadora a derrotar eleitoralmente Serra. O PSTU é frontalmente contrário a Serra. Mas, como no primeiro turno, continuaremos dizendo a verdade ao povo: sem ruptura com a Alca, o FMI e a burguesia, também Lula governará contra os trabalhadores.

Há muitos trabalhadores que acreditam que Lula está mentindo ao FMI e à própria burguesia, para ganhar as eleições. Mas que uma vez eleito, dará um chega pra lá nos de cima e governará para os de baixo.

Nós, do PSTU, não acreditamos nisso. Mas, os trabalhadores que acreditam que Lula – apesar das alianças que fez poderá governar para os de baixo – devem exigir que ele rompa o acordo com o FMI, convoque um Plebiscito Oficial sobre a Alca e suspenda qualquer negociação nesse âmbito até que o povo decida e que atenda as reivindicações dos trabalhadores.

NENHUMA TRÉGUA: PREPARAR A MOBILIZAÇÃO POPULAR

Alertamos que a crise que se avizinha é grave e que as exigências do FMI significam ataques duríssimos contra os trabalhadores.

É necessário organizar a luta dos trabalhadores contra esses ataques, vença quem vença as eleições.

Os trabalhadores seguramente se sentirão vitoriosos e mais fortalecidos se Lula vencer. Esse sentimento deve servir para aumentar a luta e a organização dos trabalhadores para derrotar o FMI, a burguesia e para conquistar suas reivindicações. Nós, do PSTU, nesse sentido, chamamos os trabalhadores a não depositarem confiança no futuro governo, mas na sua luta e, por isso mesmo, exigir que as suas organizações mantenham independência perante o governo e encaminhem a luta pelas revindicações da classe ■

Qual será a natureza de um possível governo Lula?

MARIÚCHA FONTANA,
da redação

Tudo indica – salvo uma hecatombe imprevisível – que Lula sairá vitorioso do 2º turno das eleições. No Brasil, este será um fato histórico e inédito. Nunca, em nosso país, houve um governo dessa natureza. Um governo chefiado por partidos operários, que governam em colaboração ou unidade com a burguesia. Isto, entretanto, já ocorreu inúmeras vezes na história em diversos países.

Tais governos de colaboração de classes, chamados de governos de Frente Popular, sempre que não foram superados por uma alternativa revolucionária de massas levaram a derrotas graves, senão históricas do movimento de massas.

Atados à burguesia, esses governos se propõem a gerir o capitalismo (sempre em épocas de crise) e o Estado burguês. São, portanto, governos burgueses. Ao mesmo tempo, são governos burgueses anormais, pois o normal é que a classe dominante governe seu Estado, ou seja, que seja um representante direto seu a gerir seus negócios.

SE ABRIRÁ UMA NOVA ETAPA DA LUTA DE CLASSES NO BRASIL

Governos deste tipo sempre são produto ou inauguram uma nova etapa na luta de classes, pois surgem fruto de uma vitória distorcida das massas. Alguns ascendem eleitoralmente e previamente a grandes lutas, outros são produto direto de um ascenso revolucionário.

São anormais porque a maioria da burguesia tende a vê-los como inimigos, adversários ou com desconfianças. Já as massas tendem a vê-los como o seu governo e têm neles grandes ilusões.

Os governos de Frente Popular, porém, não possuem qualquer incompatibilidade com o capitalismo. Pelo contrário, têm como objetivo a busca da desmobilização, desmoralização e derrota do movimento operário.

Existiram governos deste tipo que não apenas se formaram num tremendo ascenso das massas, como conviveram com um poder popular (ou duplo poder, esse sim incompatível com o capitalismo). Foi o caso do governo de Kerensky na Rússia de 1917 , onde existiam os soviets, ou o de Allende no Chile, que conviveu com os cordões industriais.

Outros ascenderam previamente a grandes lutas e conseguiram evitar que se generalizassem, derrotando-as uma a uma. Foi o caso de Mitterrand na França.

Na Rússia de 1917, os bolcheviques, chefiados por Lenin e Trotsky ganharam a maioria das massas contra tal governo e fizeram a revolução: derrotaram o governo de colaboração de classes conformado pelos Mencheviques, Socialistas Revolucionários em aliança com a burguesia liberal. No Chile, Allende jamais rompeu com a burguesia e seu Estado – ao ponto de nomear Pinochet para ministro do Exército – e a revolução chilena acabou num golpe militar sangrento. Na França, Mitterrand foi desmobilizando e derrotando as massas por pontos e chefiou o início da implementação de todo receituário neoliberal no país.

O GOVERNO LULA SERÁ UMA FRENTE POPULAR ATÍPICA

Os governos de colaboração de classes clássicos, entretanto, sempre governaram com a “sombra” da burguesia. Os setores fundamentais da classe dominante não estavam na Frente e nem no governo e os tratavam com hostilidade.

Nos países semicoloniais ou coloniais, por sua vez, tais governos eram anti-imperialistas ou se chocavam com o imperialismo. Isto respondia também ao fato de que os mesmos se aliavam a setores nacionalistas da burguesia.

Allende, no Chile, por exemplo, nacionalizou as minas de cobre – principal produto do país – que se encontravam nas mãos de multinacionais.

O governo de Lula, por suas alianças e programa, será um governo de Frente Popular atípico. Pois Lula não terá no governo apenas a “sombra” da burguesia, mas parcelas fundamentais da mesma. A julgar, inclusive, por seus acordos e declarações recentes, seu governo poderá ser um governo de Frente Popular com traços de unidade nacional, ou seja, do qual os principais setores burgueses participam e com ele colaboram.

Será atípico também porque – ao contrário de Allende – não será anti-imperialista, mas pró-imperialista. Será um governo de Frente Popular que (num país que vive um processo de recolonização) nasce se submetendo ao FMI, aceitando as negociações da Alca e sendo aceito (embora não seja o preferido) pelo imperialismo. Um governo Lula, portanto, será muito diferente de Allende. Se assemelhará muito mais a Lagos – ou ao próprio De La Rua – num momento em que a América Latina se convulsiona ■

Construir uma alternativa revolucionária de massas

O governo Lula gerará enormes expectativas, esperanças e ilusões nas massas. As massas têm expectativas de emprego, de melhores salários, de concessões de toda ordem. Têm ilusão, entretanto, que Lula atenderá estas e outras reivindicações, quando Lula estará atado à burguesia brasileira colonizada e, por esta via, ao imperialismo. Estará no governo, portanto, gerindo o capitalismo, ou mais precisamente, os negócios da burguesia e implementando os planos do imperialismo, que reclama não apenas pela manutenção da exploração e sofrimento já hoje existentes, mas por maiores ataques ao movimento de massas.

As expectativas das massas podem levá-las à mobilização. Já as ilusões podem levá-las à trégua, à paralisia, à desorganização e à derrota..

O papel dos revolucionários é apoiar-se nas expectativas para combater as ilusões no governo e desenvolver as mobilizações. Pois, se este governo pode derrotar o movimento de massas, é também sob governos assim que se torna possível construir uma alternativa revolucionária de massas.

Mas, para isso, os revolucionários precisam ter firmeza – como tiveram Lenin e Trotsky –, uma estratégia revolucionária e não depositar eles mesmos ilusões nesse governo. Pois, via de regra, a esquerda revolucionária capitula e se propõe a ser um apêndice ou ala esquerda de governos dessa natureza, alentando a ilusão de que seria possível empurrá-lo para a esquerda, ou mudar sua natureza e caráter, levando-o a ser um governo “ burguês anti-burguês”.

A sorte da revolução brasileira depende da capacidade que tenha o movimento operário e a esquerda revolucionária de construírem uma alternativa revolucionária de massas ao PT ■

Esperando Mister Lula

NA QUINTA, 10 DE OUTUBRO, O DÓLAR BATEU RECORDE E SUPEROU OS 4 REAIS. PARA JOSÉ MARTINS, "ENQUANTO A NAÇÃO SE DISTRAI COM AS ELEIÇÕES, A CRISE NÃO PÁRA DE AUMENTAR. O REAL ESTÁ MAIS FRACO QUE O PESO ARGENTINO"

JOSÉ MARTINS,
Economista do 13 de Maio
Núcleo de Educação Popular

O governo não consegue mais rolar os títulos da dívida interna, nem mesmo aqueles indexados ao dólar. Todos querem fugir dos títulos do governo e "ficar líquidos", quer dizer, com papel moeda na mão ou nos depósitos à vista. Os mais poderosos compram dólar-moeda e mandam para Miami e outros paraísos fiscais pelo mundo afora. E o Banco Central, como se nada estivesse acontecendo, continua bombeando grandes volumes de dólares das reservas internacionais do país para o mercado global fazer essas operações.

Na Argentina de Cavallo também foi assim. Deram prazo suficiente para que os capitalistas e bancos remetessem à vontade dólares para fora. Quando os pequenos e médios depositantes pensaram em sacar seus depósitos, já não tinha mais nem um tostão nas suas contas bancárias. Nesse meio tempo, Cavallo já tinha decretado o *corralito*.

Como ocorreu com a Argentina, no Brasil também estão sendo subtraídas massas monumentais das reservas internacionais do país: mais de 250 milhões de dólares por dia. Neste passo, o país chegaria no final de novembro com menos de 10 bilhões de reservas internacionais. Só para comparar, as reservas internacionais da Argentina estão em 9,4 bilhões de dólares, neste momento. Não segura mais nada. A economia não tem mais sangue nas artérias.

Os títulos da dívida externa fecharam a última semana de setembro valendo menos de 0,50 do seu valor de face. Isso quer dizer, no mercado, que a dívida externa brasileira é irrecuperável. Por isso, ninguém dá mais nem um tostão de crédito para o Brasil. Nem para as grandes empresas nem para os grandes bancos. Nem carta de crédito para exportação eles concedem. É o Banco Central que está financiando as exportações, com linhas de crédito bancadas também com as reservas internacionais. A máfia dos exportadores é a única que ganha com essa privatização das reservas. Isso nunca tinha acontecido na história da economia brasileira.

O Brasil foi desligado do sistema de crédito internacional. Os famosos investidores externos se mandaram. O país já está sofrendo as retaliações externas de uma moratória, mesmo que ela não tenha ainda sido decretada.

MORTE SÚBITA

Quanto mais se prorroga a oficialização das moratórias interna e externa, maiores os danos futuros na economia. A moratória, a centralização do câmbio e a estatização do comércio exterior (principalmente as importações) já deveriam ter sido executadas entre maio e junho deste ano, quando surgiram os primeiros sinais da atual crise. Agora é tarde, a vaca já foi pro brejo.

Mas o governo continua insistindo que o Brasil tem condições de pagar suas dívidas internas e externas e evitar a moratória. É mentira. Querem apenas ganhar tempo. Aquele "pacote de 30 bilhões do FMI" do mês passado foi só para ganhar esse tempo. E ganhar muito dinheiro, também.

Existem também motivações políticas: a ordem dada por Fernando Cardoso à sua equipe econômica foi de jogar para o próximo governo o ônus político e histórico de oficializar a moratória. Mas, devido ao forte agravamento da situação, começa a enfrentar maiores dificuldades para chegar em 1º de janeiro segurando essa bomba sem estourar.

VOTO DE CABRESTO

O único trunfo do atual governo para prorrogar até janeiro a explosão é o ambiente eleitoral, que todos estão alegando como o fator principal das crescentes turbulências econômicas. É exatamente o contrário. Se toda a nação – principalmente os sindicatos e movimentos sociais – não estivesse hipnotizada e amarrada na campanha eleitoral, a bomba já teria estourado.

Mas o que tem que se observar, também, é um outro importante detonador do desenlace da crise. A crise econômica mundial – quer dizer, o duplo mergulho e a conseqüente depressão global – está se desenhando como uma possibilidade cada vez maior. As Bolsas de Nova Iorque, de Londres e Tóquio estão mais vulneráveis do que nunca estiveram, nos últimos cinqüenta anos, para um grande desabamento.

O BODE SOBE A RAMPA

Lula da Silva declarou recentemente que "no meu governo o FMI não vai dar palpite". Esqueceram de dizer-lhe que no governo de Fernando Cardoso o FMI também não dá palpite. O FMI governa. Na realidade, é o presidente que dá palpites para o FMI.

Mas se Lula da Silva fez aquela declaração e depois ficou preocupado com que os investidores poderiam duvidar da sua fidelidade e das suas reais intenções quando se instalar na cadeira ainda quente de Fernando Cardoso, pode parar de se preocupar. Depois do Ibope, Datafolha e Vox Populi, agora é o próprio FMI quem acaba de antecipar o nome do próximo presidente: "*Diretor-gerente do FMI comete ato falho com 'Mister Lula'. O diretor-gerente do FMI, Horst Köhler, teve um ato falho durante sua entrevista coletiva desta quinta-feira, no qual pareceu indicar que já considera Luís Inácio Lula da Silva o próximo presidente do Brasil. (...) O candidato do PT foi o único citado pelo nome quando o diretor-gerente disse que 'o que eu ouço dos candidatos, todos os candidatos, incluindo também o Mister Lula, é que ele (sic) quer explorar o potencial de crescimento, que é melhor veículo, avenida para mover em frente e manter sustentável a situação da dívida*" (Agência Estado, 27/09).

Fim do mistério. Se ainda havia alguma dúvida quanto à autorização do FMI para que Mister Lula seja o próximo presidente, agora não há mais. Eles acabam de anunciar para toda a comovida nação que não têm mais nenhuma dúvida que Mister Lula é o bode expiatório perfeito que eles estavam precisando. Assim, Mister Lula já pode comprar um terno novo (ou vários, fique à vontade) para a grande festa da sua posse na presidência desta imensa massa falida chamada Brasil ■

Quino

O mito Che

TRINTA E CINCO ANOS APÓS SUA MORTE, CHE É VISTO TANTO COMO O "SAN GUEVARA DE LA HIGUERAS" ATÉ "O ÚLTIMO HERÓI ROMÂNTICO DO SÉCULO VINTE". PORÉM, ERNESTO GUEVARA NÃO FOI UM SANTO E ERA MUITO MAIS QUE UM HERÓI ROMÂNTICO

MUITAS FACES DE CHE

A imagem flagrada pelo fotógrafo Alberto Korda, e que roda o mundo em posters e camisetas.

Sorrindo ao lado de Fidel após a revolução cubana.

A imagem do corpo de Che, divulgada como troféu pelo exército boliviano.

Com Fidel Castro, antes da revolução.

LUPUS, do PT paraguaio

Che aderiu à revolução cubana, segundo suas palavras, porque acreditava que aquele era um ideal pelo qual valia a pena morrer em uma praia distante e desconhecida. Ainda antes da revolução, se reconhecia como comunista.

Sempre esteve na ala esquerda da guerrilha, propondo uma reforma agrária radical e discordando dos dirigentes do Movimento 26 de Julho que tinham uma visão democrático-burguesa da revolução. Também foi o que primeiro lutou contra as tendências burocráticas no interior do Estado cubano. Exemplar é o fato de jamais ter aceitado os créditos extras dados aos dirigentes da revolução e aos que estavam nos altos cargos do governo.

Seus colaboradores mais próximos relatam que no dia em que assumiu o Ministério da Indústria de Cuba teria dito: *"Aqui ficamos cinco anos e então faremos outra guerrilha"*. O grande projeto do Che sempre foi a revolução latino-americana e, em certa medida, a revolução mundial. Mas nesta mesma frase, em nossa opinião, se encerra a principal contradição do Che: seu internacionalismo radical *versus* uma concepção de luta pelo poder fundada no método guerrilheiro como um princípio político-organizativo.

UM REVOLUÇÃO NA CABEÇA E UM FUZIL NA MÃO

Para Che a revolução era antes de tudo uma questão de que os revolucionários desejassem fazê-la. Mais de uma vez postulou e estimulou que pequenos grupos de vanguarda se armassem e começassem já a luta armada. Assim o diz expressamente em seu Guerra de Guerrilhas, *"nem sempre há que esperar que se dêem todas as condições para a revolução; o foco insurrecional pode criá-las"*.

A necessidade do partido revolucionário, como porta-voz de uma política para mobilizar e organizar as amplas massas operárias e populares, era por ele desprezada. A ação e organização revolucionárias seriam forjadas pelo exemplo do foco guerrilheiro: a guerrilha seria a *"bota de sete léguas"* que encurtaria o caminho para a revolução.

Esta concepção será alimentada pelo grande impacto da revolução cubana sobre a América Latina e pela decepção com a traição e paralisia dos partidos comunistas.

Leal à sua doutrina, no começo de 1965, Che partiu em segredo para o Congo, que se encontrava afundado numa guerra civil, onde liderou uma tropa composta majoritariamente por negros cubanos, com o objetivo de melhorar o nível dos combatentes congoleses, em sua maioria supersticiosos e pouco preparados militarmente. O balanço desta experiência é resumido por um Che amargurado: *"Levei os cubanos ao Congo com a esperança de cubanizar os congoleses, mas ao final foram os meus cubanos que estavam congolizados"*. Apesar da derrota, traçou novos planos, uma guerrilha internacional na Bolívia como coluna mestre de outras a serem criadas no Brasil, Argentina e Peru.

Evidentemente, não se pode pedir a um gigante que cometa erros de anões. O exemplo e as teorias do foco guerrilheiro estimuladas por Guevara levaram uma geração inteira a partir para a guerrilha. Esta aventura - heróica é verdade, mas ainda assim uma aventura – ceifou milhares de vidas, inclusive a do seu mais dedicado incentivador, o próprio Che, que cairia nas mãos do Exército boliviano em 8 de outubro de 1967 e seria assassinado um dia depois. Tinha 39 anos, segundo seus carrascos media 1,73 e pesava apenas 48 kg.

DOIS, TRÊS... MUITOS VIETNÃS

Mas Che jamais pensou na revolução como algo nacional. Argentino de nascimento, lutou pela primeira vez na Guatemala contra um golpe militar pró-ianque que derrubaria o governo de Jacobo Arbenz. Derrotado, foi para o México, onde conheceu Fidel Castro.

Novamente parte para lutar em outro país, Cuba. Vitorioso, estimulou seu amigo, o guatemalteco Pantojo, a começar uma guerrilha na Guatemala. Na Argentina, contatou seu amigo Masetti, que seria nas selvas do norte de Argentina o Comandante Segundo. No Brasil, contatou Marighella, recém rompido com o PCB. Na Bolívia juntou-se a jovens dissidentes do PC. Simpatizou com a luta dos camponeses peruanos dirigida pelo trotskista Hugo Blanco. Dizia sempre que se dispunha a unir-se a todos que estivessem por fazer a revolução, sem sectarismo.

Em uma exposição onde debate a fixação de preços justos nas relações econômicas entre países socialistas, observa: *"Não há fronteira nesta luta de morte; não podemos permanecer indiferentes ao que ocorre em qualquer parte; uma vitória de qualquer país sobre o imperialismo é uma vitória nossa, assim como uma derrota de qualquer nação é uma derrota para todos"*.

Quando o conflito do Vietnã explode, lança um chamado *"criar dois, três... muitos Vietnãs é a palavra-de-ordem"*. Acusa os partidos comunistas tradicionais de se "solidarizarem" em palavras com o povo do Vietnã e nada fazerem. Além disso, entra em choque com a política soviética de vender armas aos movimentos revolucionários ao invés de doá-las, acusa o comércio exterior da URSS de utilizar os mesmos critérios que os países capitalistas: *"Como pode significar benefício mútuo, vender a preço do mercado mundial as matérias-primas que custam suor e sofrimento sem limites aos países atrasados e comprar a preço de mercado mundial as máquinas produzidas nas grandes fábricas automatizadas do presente?"*.

Porém, na Bolívia sua obsessão pelo método guerrilheiro o fez virar as costas para os operários mineiros que, por essa época, realizaram uma insurreição e lançaram várias declarações de apoio à guerrilha do Che. Os dois grupos jamais atuariam em conjunto, e a insurreição mineira de 1967 seria afogada em sangue a menos de 100 km do local onde Guevara e sua guerrilha lutavam.

Segundo os captores, pouco antes de morrer teria afirmado sua fé inquebrável no socialismo e no futuro da revolução latino-americana. O homem morreu, a lenda nasceria logo em seguida ■

A ENCRUZILHADA VENEZUELANA

QUANDO CHÁVEZ ASSUMIU A PRESIDÊNCIA TRAZIA ESPERANÇAS AO POVO VENEZUELANO E UMA PARCELA CONSIDERÁVEL DA ESQUERDA LATINO-AMERICANA VOLTOU SEUS OLHOS PARA A VENEZUELA. HOJE O IMPERIALISMO E SETORES DA BURGUESIA NACIONAL CONQUISTARAM UMA PARTE DA POPULAÇÃO PARA TENTAR DERRUBA-LO. TRATA-SE DE UMA TRISTE LIÇÃO PARA A ESQUERDA REFORMISTA

AMERICO GOMES,
de São Paulo

Seis meses depois da derrota do golpe militar, a Venezuela é tomada por novas manifestações contra seu presidente, Hugo Chávez. No último dia 10, saíram às ruas milhares de pessoas exigindo a renúncia de Chávez ou a antecipação das eleições. Caso isso não ocorra, uma Greve Geral seria convocada para 21 de outubro.

Em resposta, Chávez convocou marchas que também reuniram milhares de pessoas, mas demonstra-se cada vez mais incapaz de atacar as graves contradições que levaram à divisão do país.

INTOLERÂNCIA IMPERIALISTA

O imperialismo norte-americano deixa claro que não aceitará nenhum movimento de insubordinação nacional contra ele. Tudo que Chávez fez para provocar a ira do governo dos Estados Unidos foi dar algumas declarações de apoio a Sadam Hussein, Yasser Arafat e Anuar Kadafi, além de cultivar uma sólida amizade com Fidel e fornecer petróleo subsidiado à Cuba.

No mais, praticamente nada mudou dentro da Venezuela, o petróleo continua fluindo tranqüilamente para os Estados Unidos, a divida externa esta sendo paga pontualmente, as bases militares continuam instaladas no país.

O pior é que os pobres, que seriam defendidos pelo presidente, estão mais pobres. A miséria se espalha pelas cidades, o desemprego está por volta de 18%, salários estagnados e os planos previdenciários destruídos.

Os banqueiros lucraram bilhões. O governo prossegue com o plano de cortar 7% do Orçamento de 2002 para cumprir as metas do FMI e se dispõe até a elevar esse percentual para 20%. A inflação acumulada entre janeiro e agosto é de 19,7%, 140% maior que a do ano passado. A desvalorização da moeda local, o Bolivar, frente ao dolar é de 83%.

Estes simples dados servem para explicar como e porquê as forças reacionárias da burguesia e do imperialismo encontram base social para atacar o governo.

O imperialismo diretamente, através de seu embaixador Charles Shapiro, articulou uma aliança contra-revolucionária que incluí desde os setores mais reacionários da sociedade; a Fedecamaras (a Fiesp de lá); o arqui-pelego Carlos Ortega, presidente da Central dos Trabalhadores de Venezuela (CTV); a alta burocracia da estatal Petróleos de Venezuela (PDVSA); militares ligados às antigas oligarquias; burocratas da Ação Democrática (AD) e COPEI varridos dos aparatos do Estado; a alta hierarquia da igreja católica, na figura de Monsenhor Baltazar Porras, presidente da Conferência Episcopal da Venezuela; o ex-presidente Carlos Andrés Pérez (responsável por milhares de mortos no *Caracazo*); e magnatas da comunicação, como Gustavo Cisneros.

Esta "frente" convocou a greve geral de 9 de abril, a marcha ao palácio Miraflores no dia 11 e desencadeou o golpe de Estado derrotado pelas massas em 13 de abril.

CHAVES NA DIREÇÃO CONTRÁRIA DAS MASSAS

A grande imprensa tentou passar a história que Chavez voltou ao poder através de um contragolpe militar. A verdade é que Chavez nunca assinou sua renúncia, mas também nunca resistiu, nem chamou a resistência popular ou militar.

As massas ao contrário, reagiram espontaneamente. Na noite do dia 12 começaram os protestos em Caracas. No dia 13 se generalizaram por todo o país. Eram milhares de pessoas nas ruas.

Os principais quartéis se encontravam cercados pela população, principalmente em Caracas, Maracaibo, Maturín, Maracay e Valência. Isto fez os soldados penderem para o lado da insurreição popular. Os canais de TV foram cercados e exigia-se que falassem a verdade. Milhares desciam das favelas nas encostas dos morros e fechavam rodovias, com barricadas de madeira e pneus em chamas.

Chavez seguiu o caminho inverso ao das massas. Criou um Conselho Federal de Governo, para a suposta participação de todos os setores na vida nacional, e prometeu aos EUA que o país será uma fonte estável de petróleo.

Em nome da "paz e da reconciliação nacional" permitiu que a maioria dos militares e civis responsáveis pelo golpe ficassem livres, não busca culpados, não ataca os conspiradores contra-revolucionários. Por isso a conspiração continua.

A ENCRUZILHADA DA REVOLUÇÃO

O Estado venezuelano está em cacos e com mais contradições do que nunca. As instituições estão paralisadas. As Forças Armadas e a polícia estão divididas entre "golpistas" e "legalistas", assim como a burguesia nacional. Isto se dá porque o "novo" governo Chavez, saído da derrota do golpe, é fruto de uma vitória revolucionária das massas.

Chavez, para ganhar a confiança imperialista, necessita desmontar a revolução, atacar a organização do movimento de massas e os Círculos Bolivarianos, que se mantém organizados contra as tentativas golpistas.

Mas, na medida em que vai ficando mais frágil diante da ultradireita, muitas vezes tem que apoiar-se no movimento de massas, mantendo uma política dúbia e vacilante, como no caso dos "protestos pacíficos" contra a decisão Tribunal Superior de Justiça ou a contra-marcha de 13 de outubro.

A ultradireita e o imperialismo seguem apostando na derrubada do governo. O problema é que temem se enfrentar novamente com a resistência das massas e jogar mais lenha na fogueira da situação revolucionária que toma conta do país.

Se Chavez continuar freiando e desmontando a ação e organização espontânea do movimento de massas abrirá o caminho para sua desmoralização e para o triunfo da direita golpista. Seguirá assim o exemplo de Allende que depois do *Tacnazo**, ao invés de atacar os militares golpistas, nomeou Pinochet para seu ministro da Guerra.

A Venezuela vive uma encruzilhada onde a sorte do processo revolucionário foi lançada. Os trabalhadores e o povo pobre terão que pegar este desafio nas suas mãos ■

* *TACNAZO*: LEVANTE MILITAR FRACASSADO NO CHILE, POUCOS MESES ANTES DO GOLPE DE PINOCHET

Dia 31 é dia de luta contra a Alca

A campanha contra a Alca continua. O primeiro passo dessa luta foi a realização do Plebiscito, do qual participaram mais de 10 milhões de pessoas. O próximo passo acontecerá no dia 31 de outubro, quando haverá manifestações em toda a América Latina.

Neste dia, estarão se reunindo em Quito – no Equador – os ministros da Fazenda de todos os países para uma nova rodada de negociações desse acordo. Lá haverá uma grande mobilização contra essa reunião da Alca, com manifestantes de todos os países da América Latina.

A coordenação da campanha contra a Alca do Brasil enviará uma delegação para essa manifestação, composta de representantes dos movimentos sociais.

Ao mesmo tempo estaremos realizando atos contra a Alca em todos os estados, apoiando a manifestação que haverá em Quito e nos somando às mobilizações que os demais países latino-americanos estarão realizando.

Em São Paulo, por exemplo, a partir das 14h, haverá uma concentração na praça Oswaldo Cruz e em seguida uma passeata pela avenida Paulista.

VAMOS À LUTA POR UM PLEBISCITO OFICIAL EM 2003

A campanha contra a Alca vai continuar, incorporando também a luta contra a entrega da Base de Alcântara para os Estados Unidos, contra a dívida externa e o FMI.

Vamos manter e ampliar os comitês, realizar palestras e construir uma grande mobilização de massas no primeiro semestre do ano que vem, exigindo que o Brasil rompa com as negociações e que o novo governo convoque um Plebiscito Oficial ainda em 2003 para que seja o povo a decidir se o Brasil deve seguir participando das negociações desse acordo que arrebenta com qualquer soberania do nosso país.

EXIGIR DE LULA UM PLEBISCITO OFICIAL

Mais de 10 milhões de brasileiros – contra todo boicote da mídia – se posicionaram pela ruptura imediata das negociações da Alca. Lula e a direção do PT, entretanto, não apoiaram o Plebiscito e têm declarado que seguirão negociando a Alca se forem governo.

Se as negociações continuarem, a Alca irá se impondo pouco a pouco e, quando chegar em 2005, na prática já estará implantada.

A Plenária da Campanha contra a Alca votou – durante a entrega dos resultados do Plebiscito Popular em Brasília – exigir de todos os candidatos à Presidência a convocação de um Plebiscito Oficial para 2003.

Os trabalhadores devem exigir especialmente de Lula, que, se eleito, convoque tal Plebiscito.

NO AL CAPITALISMO

Não à Alca